

Fluxos e reconfigurações canônicas: a literatura na encruzilhada hipermoderna lusófona e francófona

Canonical flows and reconfigurations: Literature at the hypermodern lusophone and francophone crossroads

Gleide de Paula Santos¹
Maria Aparecida Rodrigues²

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre as dinâmicas de construção e reconfiguração do cânone literário nas literaturas de língua francesa e portuguesa no contexto da hipermodernidade. Analisando o conceito de “clássico” a partir da inesgotabilidade de sentido proposta por Italo Calvino, o estudo investiga os critérios e os mecanismos de recepção e tradução que permitem a canonização e a permanência das obras. A partir da Estética da Recepção e da noção de *Genius* de Agamben, o trabalho explora como o sujeito hipermoderno, impulsionado pela “compulsão a inovar” (Gumbrecht) e pela busca incessante por novidade e significado, interage com a tradição. O método de análise será balizado pela Estética Relacional, examinando as interconexões e negociações entre os sistemas literários lusófono e francófono. A estrutura compreende a análise da recepção de autores lusófonos na França, os desafios da retradução de clássicos franceses no Brasil e o impacto das redefinições curriculares na formação do leitor.

Palavras-chave: Cânone Literário. Hipermodernidade. Estética da Recepção. Tradução.

Abstract: This article proposes a reflection on the dynamics of construction and reconfiguration of the literary canon in French and Portuguese-language literatures within a context of hypermodernity. Analyzing the concept of “classic” from the inexhaustibility of meaning proposed by Italo Calvino, the study investigates the criteria and mechanisms of reception and translation that allow for the canonization and permanence of works. Based on Reception Aesthetics and Agamben’s notion of Genius, the work explores how the hypermodern subject, driven by the “compulsion to innovate” (Gumbrecht) and the incessant search for novelty and meaning, interacts with tradition. The method of analysis will be guided by Relational Aesthetics, examining the interconnections and negotiations between the Lusophone and Francophone literary systems. The structure includes an analysis of the reception of Portuguese-language authors in France, the challenges of retranslating French classics in Brazil, and the impact of curricular redefinitions on reader development.

Keywords: Literary Canon. Hypermodernity. Reception Aesthetics. Translation.

1. Doutoranda em Letras, Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestre em Letras, Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Atua como revisora de preprints na plataforma PreReview.org, como revisora ad hoc. Pesquisadora bolsista Capes Prosuc. E-mail: gleidepaulasantosgo@gmail.com. [ORCID](#)

2. Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004) e Pós-Doutora em Letras: pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2013) e pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, em 2018. E-mail: mariacidarodrigues2013@gmail.com. [ORCID](#)

Submissão: 21 out. 2025 ↔ Aceite: 25 fev. 2026



Introdução

Desde o final do século XX, o campo dos estudos literários encontra-se imerso em uma crise paradigmática que motivou a retomada e a revisão de conceitos centrais, como “autor”, “texto”, “leitor” e, notavelmente, o cânone (Araujo, 2011, p. 417). Longe de ser uma lista pétrea e imutável, a canonização é um processo histórico e movediço (Pozuelo, 1998), que se constrói menos pelos textos em si do que pelo modo como os textos são lidos (Harris, 1998, p. 56). A definição de clássico por Italo Calvino, um livro que “nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”, desloca o foco do ponto final, da visão de que o clássico já foi explicado, para a continuidade, para a permanência da obra na memória e na capacidade de suscitar novas interpretações através das gerações.

O presente artigo se insere na discussão contemporânea sobre as dinâmicas de produção, circulação e revalidação do cânone literário no eixo das literaturas de língua francesa e portuguesa. Embora a sociologia da literatura, fundamentada nas contribuições de Pierre Bourdieu (1996), Pascale Casanova (2002) e Gisèle Sapiro (2011), tenha elucidado os mecanismos de poder e ideologia que governam a circulação de bens simbólicos entre centro e periferia, este estudo propõe um olhar que, sem ignorar as estruturas de consagração e disputa de capitais, se concentra nos efeitos e nas ressonâncias estéticas e interpretativas que o cânone gera.

A urgência dessa reflexão se intensifica no contexto da hipermodernidade³, marcada pela aceleração, pela individualização e pela “compulsão a inovar” (Gumbrecht, 1998b, p. 316), que produz uma tensão na autoridade da tradição. A literatura, ela própria uma noção consensual e incompreensível (Derrida, 1995, p. 53), lida com a pressão constante por novidade em um cenário de proliferação de títulos (Calvino, 2007, p. 16), em que a seleção canônica se torna ainda mais crucial e contestada.

O problema central reside em compreender como a experiência do leitor na hipermodernidade atua na (re)configuração do cânone literário no espaço de intersecção entre as culturas lusófona e francófona. Nesse cenário, busca-se investigar de que maneira as negociações canônicas entre as literaturas de língua francesa e portuguesa são reveladas por uma estética relacional⁴.

3. O termo hipermodernidade é aqui empregado para designar a fase atual da modernidade caracterizada pela radicalização da lógica do consumo e pela aceleração temporal, conforme proposto por Gilles Lipovetsky (2004). No âmbito deste estudo, o conceito foca na pressão que essa temporalidade exerce sobre a tradição literária, exigindo que o clássico seja constantemente reapresentado como novidade através da retradução.

4. A categoria de estética relacional é aqui operada a partir da “Poética da Relação” de Édouard Glissant (2005), compreendida como o processo de interconexão entre culturas e sistemas literários que renuncia ao universalismo abstrato em favor do “pensamento do rastro” e da “opacidade”. No âmbito deste estudo, a dimensão relacional explica como as literaturas lusófona e francófona se afetam mutuamente em um fluxo de “creolização” de sentidos, em que o cânone não é uma herança estática, mas um tecido de dependências e transformações contínuas que preservam a singularidade histórica de cada obra no encontro com o Outro.



Compreende-se aqui o conceito a partir da perspectiva de Édouard Glissant (2005), que a define como a modalidade de interconexão entre culturas e sistemas que não anula as singularidades, mas as coloca em um fluxo de mútua transformação e dependência. Sob essa ótica, fundamentada nos processos de recepção e tradução, cabe analisar como a figura do leitor-indivíduo hipermoderno, em diálogo com a impessoalidade do *Genius* agambeniano, atua como agente ativo na validação ou na contestação da permanência desses clássicos.

Tal análise insere-se nos debates contemporâneos acerca da crise do cânone e da premência de concebê-lo como um reflexo da diversidade cultural. Nesse sentido, o exame das relações franco-brasileiras, situado no marco do Bicentenário da Independência do Brasil (1822-2022), oferece um recorte temporal e culturalmente denso para observar as dinâmicas de poder e intercâmbio que regem o sistema literário mundial, conforme as proposições de Gisèle Sapiro (2020). O arcabouço teórico mobilizado explora a dialética da hipermodernidade, tensionada entre a compulsão pela novidade individual e a permanência da tradição. Giorgio Agamben postula que o homem convive com o *Genius*, um “elemento impessoal e pré-individual” (Agamben, 2007, p. 14) que move a escrita na tentativa irônica de uma despersonalização (Agamben, 2007, p. 16). Complementarmente, a Estética da Recepção de Hans Robert Jauss (1994) permite compreender como o leitor, em sua liberdade histórica, atesta a autoridade da obra no tempo.

Ao examinar a construção e a reconfiguração do cânone literário sob a lente da Estética Relacional de Glissant (2005), este trabalho investiga o papel da tradução e da recepção como instâncias de legitimação. A abordagem, de natureza qualitativa, sustenta-se na análise textual e conceitual de obras e discursos críticos, focando na interdependência mediada pelo ato tradutório. A fundamentação articula a Estética da Recepção⁵ de Jauss (1994) e Iser (1996), voltada à mudança de paradigma na leitura, à teoria da hipermodernidade de Lipovetsky (2004), que contextualiza o sujeito leitor atual, e ao conceito de *Genius* de Agamben (2007), essencial para explorar a dimensão inesgotável da criação e recepção literária.

A exposição organiza-se em três eixos analíticos: o primeiro aborda a recepção, edição e tradução de autores lusófonos na França, como Machado de Assis, sob a ótica da circulação global. O segundo eixo examina a retradução de clássicos franceses, a exemplo de Rimbaud e Baudelaire, no Brasil, compreendendo-a como um gesto de renegociação da tradição. Por

5. A Estética da Recepção é aqui mobilizada, através de Hans Robert Jauss (1994). O conceito fundamenta a compreensão da literatura como um processo dialético entre obra, autor e público, em que o sentido não é imanente ao texto, mas concretiza-se no “horizonte de expectativas” do leitor. No âmbito deste estudo, essa perspectiva justifica a análise da circulação transnacional do cânone, em que a tradução atua como o mediador que confronta o horizonte de recepção original com as novas demandas estéticas e históricas de um sistema estrangeiro, garantindo a vitalidade e a constante reatualização do clássico.



fim, discute-se o impacto das redefinições curriculares nas instituições de ensino brasileiras e francesas na formação do leitor. Através desse percurso, busca-se demonstrar como a hipermodernidade e a Estética Relacional auxiliam na compreensão do cânone como uma estrutura histórica e cambiante, onde a voz do clássico se manifesta por meio das leituras inéditas de um leitor socialmente situado.

O *genius* e a circulação: Machado de Assis e o canon francês na hipermodernidade

A entrada de autores lusófonos no sistema literário francês, com destaque para a trajetória de Machado de Assis, ilustra a Estética Relacional como um fenômeno de revalidação transnacional. Segundo Pascale Casanova (2002), o reconhecimento em um centro de consagração como Paris não é apenas uma exportação cultural, mas uma metamorfose que reconfigura o status da obra em seu país de origem. No caso de Machado, essa circulação é mediada pela tradução, que atua como o principal vetor na transformação do texto em um bem simbólico capaz de negociar sua posição no “mercado mundial das letras” (Sapiro, 2020). A canonização, portanto, não decorre meramente de uma qualidade intrínseca estática, mas da capacidade da obra de gerar o que Jauss (1994) denomina “novos horizontes de expectativa” em contextos estrangeiros.

A inesgotabilidade do clássico, que transcende a definição de um objeto-livro para se tornar uma potência de significação permanente, é testada no exterior. Calvino (2007) observa que o clássico exerce uma influência persistente tanto quando se impõe como inesquecível, quanto quando se esconde nas dobras da memória. A recepção francesa de Machado de Assis, intensificada nas últimas décadas por novas traduções de Jean-Pierre Urban e pela coleção *Métailié*, exemplifica essa plasticidade. Enquanto o leitor brasileiro, historicamente, vincula a ironia machadiana à crítica social do Segundo Império, o horizonte de recepção francês privilegia a modernidade formal e o pessimismo metafísico do autor, aproximando-o de nomes como Laurence Sterne ou de uma linhagem pré-existencialista.

Essa divergência de ênfase é perceptível, por exemplo, na recepção de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. No Brasil, o capítulo “O Almocreve” é frequentemente lido como uma sátira contundente à estrutura escravocrata e à hipocrisia das elites. Já na crítica francesa contemporânea, o foco recai sobre a imprudência narrativa e a fragmentação do Eu, elementos que ressoam com o leitor hipermoderno ávido por inovações estéticas. Tal fenômeno corrobora a tese de que o cânone é uma estrutura histórica e movediça,



sujeita aos princípios reguladores da atividade cognitiva do sujeito que o postula (Pozuelo, 1998, p. 236).

O ato de escrita desses autores pode ser iluminado pela perspectiva do *Genius* agambeniano. Ao contrário de uma interpretação biográfica, postula-se aqui em uma leitura aplicada da teoria de Agamben (2007, p. 14) ao texto literário que a força de Machado reside em sua capacidade de conviver com o elemento impessoal e pré-individual. Quando o autor carioca mobiliza a voz de um “defunto autor”, ele busca precisamente essa despersonalização: “Escrevemos para nos tornarmos impessoais, para nos tornarmos geniais” (Agamben, 2007, p. 16). É essa força trans-histórica, desvinculada das amarras de um Eu biográfico estrito, que permite ao texto machadiano atravessar fronteiras e ressoar em Paris como uma voz contemporânea. O leitor francês, ao se deparar com a obra, reconhece o *Genius* (o impessoal) que torna o texto um “equivalente do universo” (Calvino, 2007, p. 13), superando o exotismo geográfico.

Na hipermodernidade, a proliferação de edições de autores como Clarice Lispector e Guimarães Rosa na França, exemplificada pelas reedições constantes da editora *des femmes* e da *Gallimard*, reflete o que Sapiro (2020) descreve como a dinâmica de legitimação mútua entre sistemas. A hipermodernidade exige o inédito; assim, a retradução de um clássico funciona como uma estratégia de mercado e estética para reapresentar o familiar sob uma nova luz. Dados de circulação revelam que a fortuna crítica de Machado de Assis na França não se limita mais a nichos acadêmicos, mas ocupa espaços em suplementos como o *Le Monde des Livres*, atestando que a voz do clássico só permanece viva enquanto for capaz de ser traduzida e, fundamentalmente, traída por novas e provocativas leituras.

A recepção da crítica francesa, portanto, revela-se fundamental para esse processo de transposição cultural. Como bem observa Harris (1998), independentemente das funções que regem as seleções canônicas, deve-se reconhecer que o cânone não se esgota na materialidade do texto; antes, ele se constrói a partir da pragmática da leitura, e não dos textos em si mesmos. Sob essa perspectiva, a leitura deixa de ser um consumo passivo para tornar-se um ato de validação e de soberania estética que inscreve a obra estrangeira nas malhas de um novo cânone.

A circulação de autores de literaturas consideradas periféricas em direção ao centro do sistema literário mundial, ocupado historicamente pela França, levanta questões cruciais de representação e capital simbólico. Segundo Casanova (2002), Paris funciona como o meridiano de Greenwich da literatura, onde o reconhecimento transnacional dita o tempo da modernidade estética. Nesse mercado de bens simbólicos, as instâncias de consa-



gração francesas buscam um cânone que reflita a diversidade cultural, como aponta Sapiro (2020) ao analisar como a tradução opera seletividades ideológicas e estéticas. O reconhecimento de Clarice Lispector na França, intensificado a partir da década de 1970 pelas edições da *des femmes* (fundada por Antoinette Fouque), não é casual; ele responde a uma demanda por vozes que desafiam o logocentrismo europeu, elevando a autora ao status de ícone da *écriture féminine*, ao lado de Hélène Cixous.

No entanto, a validação no exterior implica uma reinterpretação na qual os clássicos, quanto mais pensamos conhecer, “quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (Calvino, 2007, p. 10). Esse caráter inesgotável manifesta-se na passagem para o francês: em *A Paixão Segundo G.H. (La Passion selon G.H.)*, a densidade ontológica da “barata” clariceana é lida pela crítica francesa não como um regionalismo urbano brasileiro, mas como uma investigação fenomenológica universal. A tradução de um trecho como “o mundo independia de mim – essa era a confiança a que eu chegara: o mundo independia de mim” revela, no horizonte de recepção francófono, uma ressonância com o existencialismo, confirmando a inesgotabilidade da obra no fluxo hipermoderno.

Um símbolo notável dessa interconexão canônica é a reedição brasileira de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Alcântara Machado, originalmente publicado em 1927 e relançado no Brasil em 2016 (pela editora 34) com a incorporação do aparato crítico da edição francesa de 2011 (*Brás, Bexiga et Barra Funda*, sob o selo *Le Typhon*). A organização de Augusto Massi e o paratexto de Antoine Chareyre (editor e tradutor na França) demonstram a Estética Relacional em ação: o olhar estrangeiro retroage e informa a leitura nacional, conferindo ao modernismo paulista uma camada de “clássico cosmopolita” que a recepção interna, por vezes, restringia ao âmbito documental da imigração.

A canonização de autores lusófonos na França é, portanto, um processo onde a impessoalidade do *Genius* agambeniano se encontra com a historicidade da recepção. Conforme postula Calvino (2007), os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. O filtro do mercado editorial francês, em sua demanda por um “clássico universal”, prioriza em Clarice Lispector a transcendência e a crise existencial, elementos que dialogam com a tradição filosófica de Bergson e Blanchot. Essa seletividade, ao consagrar o “equivalente do universo” (Calvino, 2007, p. 13) presente na obra, pode involuntariamente atenuar as nuances políticas e sociais do Brasil da década de 1960, ilustrando a dupla face da legitimação externa: a obra ganha o mundo, mas sob o risco de uma “desterritorialização” estética.



Esse sucesso na hipermodernidade está, paradoxalmente, ligado à “compulsão a inovar” (Gumbrecht, 1998b, p. 316). Ao introduzir um clássico de uma língua distante, o sistema francês o insere em um ciclo de novidade perpétua. O *Genius* da obra, definido por Agamben (2007) como a personalização do que, em nós, nos supera e excede, oferece uma experiência que se distingue da produção interna francesa. Isso permite que editores e críticos atestem uma capacidade de pluralização cultural, transformando o “outro” literário em um componente vital para o enriquecimento da própria herança intelectual francesa.

Retradução e tradição: Baudelaire, Rimbaud e a negociação canônica no Brasil

O desafio da retradução de clássicos franceses no Brasil contemporâneo configura-se como o espelho reflexo do movimento de recepção analisado na seção anterior. As traduções inaugurais de meados do século XX, como as de Guilherme de Almeida para Baudelaire ou as incursões de Augusto de Campos, buscaram introduzir o novo e estabelecer modelos estéticos para o modernismo brasileiro, a retradução contemporânea atesta a permanência da autoridade da tradição e a necessidade de renegociá-la com o presente hipermoderno.

A retradução de Charles Baudelaire, exemplificada pelas versões recentes de Júlio Castañon Guimarães (2011) ou Ivone C. Benedetti (2020), é motivada pelo reconhecimento de que “um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente a repele para longe” (CALVINO, 2007, p. 13). Cada novo gesto tradutório busca aproximar-se do *Genius* do poeta, tentando repelir as camadas de interpretações acumuladas para encontrar uma voz que ressoe inédita. O mesmo fenômeno observa-se na recepção de Arthur Rimbaud: as retraduições de Ivo Barroso, que consolidaram o autor no Brasil, enfrentam hoje o diálogo com novas leituras que buscam capturar a “impessoalidade genial” da obra, superando a fixação biográfica do “Eu” lírico.

A hipermodernidade, caracterizada pela ânsia em romper liames com o passado e pela compulsão a inovar (Gumbrecht, 1998b, p. 316), torna a retradução uma tarefa paradoxal. Exige-se que o cânone se apresente como novidade de mercado, mas sua força reside precisamente na autoridade do que foi transmitido, uma autoridade que se tornou anônima e exerce poder sobre a base histórica do leitor (Gadamer, 1999, p. 421). O tradutor contemporâneo atua, portanto, como um mediador condescendente com o *Genius* agambeniano, permitindo que a voz impessoal de Rimbaud ou Baudelaire se



manifeste através de uma linguagem que confronta e, por vezes, subverte as soluções de traduções anteriores.

Ao retraduzir, opera-se um “desaprendimento de si” (Agamben, 2007, p. 16), no qual o tradutor renuncia a uma apropriação pessoal total para que o elemento impessoal e pré-individual da obra se revele ao novo horizonte de expectativas.

A Estética da Recepção é vital aqui, pois a retradução reconhece que o nosso ser histórico e finito está determinado pelo fato de que também a autoridade do que foi transmitido, e não somente o que possui fundamentos evidentes, tem poder sobre essa base (Gadamer, 1999, p. 421).

Através desse percurso, busca-se demonstrar como a hipermodernidade e a Estética Relacional auxiliam na compreensão do cânone como uma estrutura histórica e cambiante, onde a voz do clássico se manifesta por meio das leituras inéditas do leitor individual, mas socialmente situado.

A nova tradução reflete, invariavelmente, a mutação no horizonte de expectativas do leitor brasileiro. Conforme teorizado por Jauss (1994), esse horizonte não é estático; no caso brasileiro, ele migrou de uma recepção parnasiano-simbolista das primeiras traduções de Baudelaire para uma exigência contemporânea por maior crueza e fidelidade rítmica, que busca desestabilizar as leituras domesticadas do passado. Ainda que o cânone seja criticado como veículo de valores hegemônicos, a retradução promovida por editoras independentes e coletivos de tradução experimental, como os vinculados à editora n-1 ou à Coleção Signos, atua como um meio de pluralização e reinterpretação ideológica.

Essa relação do leitor brasileiro com o cânone francês pode se manifestar por uma oposição antitética (Calvino, 2007, p. 13), na qual a retradução permite que o embate crítico com o passado seja travado em novos termos linguísticos. O gesto de retraduzir configura-se, portanto, como uma releitura (*relegere*) que busca o clássico enquanto equivalente do universo, ratificando a premissa de que a manutenção da autoridade literária depende da renovação constante de seus instrumentos de acesso.

Nesse sentido, a retradução de Baudelaire e Rimbaud para o português brasileiro é um reflexo direto da Hipermodernidade. Segundo Lipovetsky (2004), a hipermodernidade caracteriza-se por um tempo de “excesso”, onde a tradição não é destruída, mas reciclada e consumida sob a lógica da novidade perpétua. O leitor hipermoderno, embora inserido em uma cultura de efemeridade, busca na autoridade do que foi transmitido uma ancoragem histórica que Gadamer (1999) define como um produto da herança que exerce poder sobre o presente. Assim, as novas versões são necessárias porque a



voz impessoal do *Genius* poético precisa ser reafirmada e cultivada por esse novo sujeito, em um esforço para honrar as dívidas com a realidade inesgotável da obra (Agamben, 2007, p. 15).

O diálogo que a retradução estabelece com as versões anteriores e com o original é um mecanismo central da Estética Relacional. Esse embate crítico, no qual o tradutor se permite discordar das soluções de precursores, como as famosas querelas entre as traduções literais e transcriativas, evita que a obra se petrifique. Ao realizar o que Agamben denomina “descriação” (Agamben, 2007, p. 16), o tradutor desafia a estabilidade da tradução canônica anterior para liberar a força do original. Esse processo prova a vitalidade inabalável do texto clássico, confirmando que ele nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.

O cânone em crise: instituições de ensino e a formação do leitor hipermoderno

Um dos campos mais visíveis da batalha canônica são as instituições de ensino, em que a seleção de obras obrigatórias – seja nas listas dos vestibulares brasileiros (como as da FUVEST e UNICAMP) ou no *baccalauréat* francês – legitima uma teoria e um modelo de cultura (Araujo, 2011, p. 419). A recente mudança nos critérios de escolha, que passou a incluir nomes como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus no Brasil, ou a maior abertura para literaturas francófonas extra-europeias na França, reflete a pressão da hipermodernidade por um cânone que seja reflexo da diversidade e que estabeleça uma estética relacional com o presente. Segundo Lipovetsky (2004), o sujeito hipermoderno exige que a tradição seja constantemente “atualizada” para manter sua relevância em um mundo de consumo imediato.

Essa renegociação curricular é uma resposta ao contexto de crise que marca o sentido tradicional da crítica literária, em que a historicidade da recepção se apresenta como alternativa para pensar os princípios epistemológicos do cânone. No Brasil, as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, na França, as reformas do *Lycée*, tentam estabelecer marcos comuns de referência que não sejam meramente impositivos, mas que funcionem como pontos de contato entre diferentes culturas, operando uma tradução pedagógica da tradição.

O leitor em formação, imerso na aceleração hipermoderna, é confrontado com a provocação de Calvino (2007): por que ler os clássicos em vez de concentrar-nos em leituras que nos façam entender mais a fundo o nosso tempo? A resposta curricular reside em demonstrar que o clássico, ao carregar a herança intelectual, é o que permite definir a nós mesmos em relação e



em contraste com o “outro”. A escola, portanto, não ensina o clássico como um monumento estático, mas como um elemento de “relação” glissantiana, essencial para a construção da identidade em um mundo globalizado.

A crise do cânone estético exige que as instituições redefinam o que é relevante para o leitor de hoje, equilibrando a experiência teórica com o prazer da descoberta. Para Gumbrecht (1998a, p. 62), as pré-considerações teóricas devem evitar o distanciamento excessivo do fenômeno contemporâneo do clássico. Isso significa que as instituições precisam integrar a obra canônica à vida do estudante, permitindo que o “clássico inatingível” se torne um interlocutor real, capaz de dialogar com as ansiedades da hipermodernidade.

No entanto, a pressão de grupos culturais e políticos na formação de um novo currículo pode transformar o cânone em um instrumento de pressão ideológica, por vezes rechaçando a identidade oferecida pela cultura ocidental em busca do reconhecimento da diferença (Sullà, 1998, p. 15). O desafio pedagógico é evitar que a pluralização se torne um simples gesto político de utilidade imediata, preservando o espaço da estética como um território de liberdade.

Para o leitor, a leitura obrigatória deve funcionar como a permissão para *indulgere Genio* (Agamben, 2007, p. 14), ser condescendente com o próprio *Genius*. Ou seja, a obra canônica no ambiente escolar deve servir para o encontro do indivíduo com o elemento impessoal e pré-individual em si mesmo. A formação do leitor passa pela compreensão de que o clássico constitui uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-lo pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-lo (Calvino, 2007, p. 10); e o papel da escola é, fundamentalmente, criar essas condições de acolhimento e recepção.

A inclusão de novas obras, como a entrada de autores lusófonos nos programas franceses de *Agrégation*, é um reconhecimento de que, embora os velhos títulos tenham sido desafiados, os novos se multiplicaram em todas as culturas modernas (Calvino, 2007, p. 16). O *Genius*, essa força que “move o sangue em nossas veias” (Agamben, 2007, p. 15), reside no corpo do leitor, e a literatura é o caminho para esse encontro impessoal que supera as barreiras nacionais.

Em última análise, a redefinição curricular demonstra que a tradição não se realiza naturalmente, mas necessita ser afirmada, assumida e cultivada (Gadamer, 1999, p. 422). A mudança nos critérios das universidades brasileiras e no *baccalauréat* francês que hoje exige a leitura de autores como Molière em paralelo a vozes contemporâneas, é um gesto de “pluralização” do cânone. Contudo, a urgência hipermoderna não deve cair na armadilha da mera utilidade política; o valor da leitura, reside na ária que se aprende antes do fim (Calvino, 2007, p. 17).



Uma das funções das instituições de ensino é equipar o leitor hipermoderno com ferramentas hermenêuticas para uma leitura de descoberta. Isso significa orientar o estudante a mergulhar na obra de fato, buscando o encontro com o seu próprio *Genius*. É por meio desse encontro pessoal e ao mesmo tempo impessoal que a obra oferece modelos e inspiração, garantindo que a tradição seja um momento de liberdade e não uma mera imposição institucional.

Considerações finais

A investigação das dinâmicas canônicas nas literaturas lusófona e francófona, sob a perspectiva da Estética Relacional e da Hipermodernidade, revela que o cânone não se configura como uma relíquia estática, mas como um campo de forças em constante negociação, cuja vitalidade é garantida pela pragmática da leitura. A recepção de autores como Machado de Assis na França, os desafios da retradução de Baudelaire e Rimbaud no Brasil e as recentes redefinições curriculares nas instituições de ensino manifestam a historicidade da recepção como o motor que impede a petrificação do texto. Demonstra-se, assim, que a tradução e a recepção atuam como os principais catalisadores de uma revalidação que transcende fronteiras nacionais.

A interconexão dos sistemas literários e a tensão entre a subjetividade do leitor e o elemento impessoal da obra fornecem as chaves para compreender a validação canônica na contemporaneidade. O *Genius* agambeniano atua como a metáfora do elemento impessoal e pré-individual que confere ao clássico sua inesgotabilidade de sentido. É precisamente essa impessoalidade que permite a pluralização do cânone, pois ela ressoa com a busca do indivíduo hipermoderno por algo que o supere, um equivalente do universo (Calvino, 2007, p. 13). O cânone, portanto, materializa o que há de mais impessoal e, simultaneamente, mais íntimo na experiência humana, conforme as proposições de Agamben (2007, p. 14).

Nesse horizonte, a crise do cânone – entendida como o esgotamento de um modelo rígido e eurocêntrico de seleção – não assinala seu fim, mas sua necessária reconfiguração. O enfraquecimento da crença em uma lista imutável tem permitido a inclusão de vozes dissonantes e a releitura da tradição sob novos prismas. A espiritualidade, nesse contexto, revela-se como a consciência de que o ser identificado contém uma carga de realidade não identificada que importa não apenas conservar, mas honrar como se honram as próprias dívidas (Agamben, 2007, p. 15).

Em um cenário de proliferação textual característica da hipermodernidade (Calvino, 2007, p. 16), o clássico permanece como o marco de refe-



rência que auxilia o leitor a localizar-se no tempo. A lição transmitida pela tradição reside na aceitação da necessidade do *Genius*, mesmo que suas pretensões pareçam inaceitáveis ou caprichosas (Agamben, 2007, p. 14). A leitura desinteressada do clássico, em última análise, permite ao sujeito apropriar-se de uma herança que, embora transmitida pelo passado, só se realiza plenamente no encontro inédito do presente.

A intersecção da Estética Relacional com a filosofia do *Genius* fornece uma poderosa lente para o fenômeno canônico: o cânone é um tecido de relações, e sua força reside naquilo que as obras possuem de mais duradouro. A canonicidade é a prova de que a vida humana não se limita à consciência individual, mas pressupõe a convivência com um elemento que nos excede (Agamben, 2007, p. 14). O clássico é o veículo dessa potência, constantemente profanado no sentido de ser restituído ao uso comum e à livre interpretação dos sujeitos.

O futuro do cânone nas literaturas lusófona e francófona não se definirá pela rigidez ou pela anulação da tradição, mas pela capacidade de curadoria que cada indivíduo exerce em sua biblioteca ideal (Calvino, 2007, p. 16). É na liberdade de inventar essa biblioteca pessoal que o leitor hipermoderno honra o legado do *Genius*. Ao fazê-lo, garante-se que a literatura continue a ser um espaço de pluralização e um espelho da diversidade, um local onde a autoridade do passado é reafirmada pelo ato livre, responsável e soberano de uma nova leitura.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ARAUJO, Olívia Maria de Almeida. O cânone literário: da estética da recepção à hipermodernidade. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 415-425, jan./jun. 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**. Tradução de Tânia Pellegrini. Belo Horizonte: UFMG, 1995.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.



GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e forma**: ensaios sobre a cultura da presença. Tradução de Jonas Knobloch. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998a.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. Tradução de Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Estação Liberdade, 1998b.

HARRIS, Fernando. A crítica e o cânone. In: SULLÀ, Enric (org.). **O cânone literário**. Tradução de Beatriz Vasconcelos. São Paulo: Editora da USP, 1998. p. 55-58.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mario Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MACHADO, Alcântara. **Brás, Bexiga e Barra Funda**. Organização de Augusto Massi. Aparato crítico de Antoine Chareyre. São Paulo: Editora 34, 2016.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mútua confiança**: crítica literária e estética. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SAPIRO, Gisèle. **A sociologia da literatura**. Tradução de Marcelo Pellegrini. Belo Horizonte: Itatiaia, 2020.

SULLÀ, Enric (org.). **O cânone literário**. Tradução de Beatriz Vasconcelos. São Paulo: Editora da USP, 1998.

